

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL

Mislene A. S. Rhodes¹, Lídia Maria Nazaré Alves², Márcio Rocha Damasceno³,
Leonardo Gomes de Souza⁴, Nathalia de Oliveira Souza⁵ Aparecida Gomes de
Oliveira⁶, Amanda Augusta de Carvalho Narciso⁷

¹Graduanda do Curso de Psicologia, Facig, armazenrhodes@gmail.com

²Doutora em Letras, Facig; Uemg, lidianazare@hotmail.com

³Mestre em Saúde Mental e Psicanálise – Espanha, Facig, marcirocha@sempre.facig.edu.br

⁴Graduando em Letras, UEMG- Carangola, leonardogomes.jhs@gmail.com

⁵Graduanda em Letras, UEMG- Carangola; nathyflores2@gmail.com;

⁶Graduada em Letras, UEMG- Carangola; apagoliver@gmail.com;

⁷Graduanda em Direito, FACIG, amandaacancarc@gmail.com

Resumo- Este artigo está desenvolvido em torno dos Projetos “Identidade e Diversidade Cultural”, Facig, Psicologia, 2017; “Estudos de Gênero e etnia na literatura e sua repercussão na sociedade”, UEMG, 2017, financiamento, PAPq. A palavra minoria tem aparecido antepondo-se a adjetivos que apontam para grupos marginalizados ao longo do processo de construção da historiografia e história literária do Brasil. Assim se diz: *discurso de minorias, literatura de minorias, cotas para a minoria, etc.* Esse termo minorias vem sendo utilizado de forma tão frequente que seus usuários ainda não se deram conta de que num processo de mestiçagem envolvendo brancos, índios e negros, o produto será sempre mestiço, visivelmente ou não; de maneira que a maioria vem sendo chamada de minoria. Nosso argumento é respaldado pelo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Segundo o referido, os afrodescendentes compõem cerca de 54% da população –, contudo, grande parte da mídia e de outros propagadores de conteúdos ideológicos tendem a minorá-los frente a população branca; não só de forma socioeconômica como também de forma quantitativa. A literatura tem a função social de representar a sociedade e, nesse processo, exerce influência muito significativa na psique da criança negra. Este estudo aborda a importância do uso de literaturas infantis na vida da criança, em que o negro não seja representado como subalterno, mas como personagem principal, despertando o imaginário da criança, de forma meritória, para a cultura africana, que teve significativa influência na formação da cultura brasileira, criando, assim, no leitor, orgulho de sua raça e a conscientização de outras crianças para o respeito à diversidade cultural, realmente, naturalmente.

Palavras-chave: Racismo; Criança; Afrodescendência; Literatura

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

1 INTRODUÇÃO

A representação literária da criança negra e o modo como ela se identifica com tal representação é o assunto deste artigo.

A obra-prima do escritor é a palavra. Com o pensamento elege-se um tema e, com a palavra, dá-se vida a este tema. Há duas formas de se representar a realidade, uma, mais representativa, procura ser fiel ao fato narrado, como quando se tira um retrato 3x4, outra, mais produtiva, procura ser fiel à forma utilizada para se narrar o fato, como quando se tira uma fotografia. Naquele tipo, há entendimento direto da mensagem, neste, não; faz-se necessário certo conhecimento da arte da palavra, a fim de que se entenda a intencionalidade do escritor.

De acordo com a crítica literária há diferentes tipos de textos: para crianças, para jovens e para adultos. O que nos faz diferenciá-los é o tratamento dado à escrita. A literatura infantil está voltada para a construção de histórias narradas com um vocabulário simples, que, atingindo sem barreiras a psique infantil, contribui para o desenvolvimento de seu imaginário, de sua formação intelectual e identitária (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2002, p.1). Neste universo literário infantil, estão os contos de fadas. Esses são de grande importância para o desenvolvimento da criança, na

sua totalidade, porque, além de entreter a criança, ainda lhes ensina que as dificuldades são inevitáveis na vida, mas podem ser superadas. Nossa experiência de leitura nos garante que as narrativas infantis são criadas a partir da seguinte estrutura: inicialmente, há uma situação tranquila, no meio desta aparece um problema, elege-se um homem para resolvê-lo, ele enfrenta monstros exteriores e interiores, liquida os monstros, torna-se herói e é recompensado com uma coroa de louros. As crianças vão ao delírio e querem, também, serem heróis e heroínas. A partir das peripécias do herói, a criança vai ajustando seu modo de pensar a vida, de viver a vida, de querer ser na vida.

A cigarra e a formiga, de La Fontaine, por exemplo, ensina às crianças sobre a necessidade do trabalho. A moral seria a seguinte: se se trabalha têm-se o que comer, do contrário, não. No contexto europeu, por conta dos longos meses de inverno, a obra fica bem, como foi arquitetada. Para o contexto brasileiro, houve a necessidade do toque lobatiano, a fim de que a diversão fosse também valorizada. Mas o que desejamos dizer até aqui é que, a literatura, sobretudo os clássicos infantis, tem uma função pedagógica bastante definida, que tal função é alcançada pelo ajustamento da linguagem e que a psique da criança é atingida.

Não há como não batermos palmas para essa função social da literatura. Afinal, é altamente produtiva e meritória. Há uma obra na literatura francesa que se chama Robinson Crusoe, de Daniel Defoe. A narrativa volta-se para um jovem que sai da Inglaterra e vai fazer fortuna mundo afora. No imaginário de Defoe, o Robinson esteve também no Brasil. Depois de fazer fortuna, voltou para a Inglaterra. Essa obra incentivou sobremaneira o povo Inglês. O Rousseau, francês, chegou a dizer que, a um jovem qualquer, bastava a leitura deste livro, a fim de que uma nação prosperasse. E não é que o espírito Inglês sempre foi muito voltado à prosperidade, colonizando e escravizando por longos séculos?

A leitura dos textos supracitados é, realmente, proveitosa. Com efeito, toda obra literária apresenta seus elementos principais que são personagem, ação, espaço, tempo e foco narrativo. Nos exemplos supracitados vimos as ações, principalmente. Mas e quanto às personagens? No processo de sua construção, elas são escritas e/ou desenhadas a partir de determinado estereótipo. Noutro ponto, as obras são traduzidas. Pode ser que uma personagem idealizada, a partir do biotipo de determinado povo não esteja em acordo com o biotipo de outro povo que recebeu a tradução. Logo mais acima, dissemos que Monteiro Lobato deu uma ajustadinha na “A Cigarra e a Formiga” de La Fontaine, e não foi sem razão. Debaxo da linha do equador, as estações, mais tropicais, deixam-nos mais livres para a amenização do trabalho, para ajustar trabalho e prazer, caso contrário ao que ocorre na Europa de La Fontaine. Tais personagens ganham vida e, portanto, são boas ou más, superiores e inferiores, dominantes e dominadas, heroicas e vilãs. Como nossos textos infantis, tradicionais, sempre foram importados da Europa, tivemos um sério problema de identificação. Crianças negras, afrodescendentes, indígenas e mestiças não tinham um seu semelhante para se identificar. Restavam-lhes duas alternativas: ou se identificavam com a Branca de Neve e, neste caso, acabavam se invisibilizando, nutrindo adoração pelo que se não era, ou repeliam a Branca de Neve por não se verem nela, mas, sem saber onde se ver. Já fomos crianças e sabemos que a primeira alternativa ganhou e continua ganhando de 10 a 0. *Qual criança, normal, não se apaixonaria por anões, abóboras se transformando em carruagens, etc? Até as adultas!*

No passado, o negro era praticamente ausente nas obras literárias infantis, em algumas raras aparições, sua presença era tão somente para enfatizar a raça, quase sempre mudo e serviçal. Essa nossa observação pode ser confirmada a partir de vários autores. Entre eles podemos citar Flora Sussekind (1982), Luis Henrique Silva de Oliveira (2014), Paulo Duarte (1947).

Para falar do apagamento do negro, antes de tudo, devemos nos questionar o raciocínio base que orienta essa prática. Para isso, Paulo Duarte pode nos ajudar com uma de suas declarações. Esse autor foi um importante jornalista brasileiro que viveu aproximadamente entre 1890 e 1985. É de sua autoria um texto que resume o raciocínio sócio-político-estrutural do Brasil com relação à questão racial. Assim, afirma ele: “Uma coisa, porém existe e existirá com absoluta nitidez: a deliberação marcada pelo consenso unânime dos brasileiros lúcidos: o Brasil quer ser um país branco e não um país negro”. Esta fala demonstra que o apagamento do negro em virtude do branco, ou o apagamento do negro em detrimento do Branco é uma decisão que, ao que parece, permeia uma questão maior do povo brasileiro: o povo brasileiro deseja apagar a matriz negra de sua constituição bio-física-identitária.

Como afirma Luiz Costa Lima, a *mimesis*, portanto a literatura, constitui um “microcosmo interpretativo de uma realidade humana” (COSTA LIMA, 2003, p. 45). Logo, a literatura parte também da consciência coletiva de um povo, sua cultura, sua identidade e em uma postura antropofágica a dispõem de diferentes e artísticas maneiras em textos. Dessa forma, o apagamento do negro da literatura, nessa linha de raciocínio, é a disposição textual do que ocorre na sociedade em geral. Com isso, não estamos redimindo a literatura e seus autores de uma culpa, em certo grau, haja vista que essa arte também é instrumento de transformação social. Dessa percepção, surge o questionamento, surge a pergunta, até certo ponto retórica: até que ponto a literatura nacional contribuiu para o

apagamento do negro na sociedade, quando assume reproduzir a conclusão identitária nacional proclamada por Paulo Duarte?

Flora Sussekind (1982) se questiona sobre isso quando na introdução de seu livro faz uma reflexão sobre a intelectualidade brasileira. A autora, questionando-se sobre os acessos de autores marcadamente de caráter popular aos espaços demarcados como cultura, argumenta: “Variam os rótulos, mas o ingresso para as estantes e salões da cultura oficial parece custar um preço alto” (SUSSEKIND, 1982, p. 11). Esse preço está no fato da cultura não oficial ser reduzida ao caráter de “pitoresca, [...] folclórica” (SUSSEKIND, 1982, p. 11).

Essa construção social parte da decisão pelo branqueamento. Na relação classes populares X intelectualidade afirma a autora que “mesmo olhando com simpatia as camadas populares, não são elas os seus interlocutores” (SUSSEKIND, 1982, p. 14). Para a autora, isso se deve entre outras questões ao medo dos intelectuais de perderem o apoio do Estado.

Essa fala é uma busca por mostrar o apagamento do negro na literatura. Perceber que isso é causa de uma literatura que representa uma sociedade que decidiu por esse apagamento e que um dos mecanismos para a construção desse fenômeno é o grupo de intelectuais.

Falando especificamente da literatura dramática brasileira, Sussekind (1982, p. 15) afirma que, de maneira geral, o lugar do negro é o da submissão: “um eterno abrir e fechar portas, entrar e sair de cena, ou a obedientes cumprimentos de ordem”. Há outras questões a serem levantadas nesse processo de representação. Por exemplo, na mão de quem está a pena que faz a representação desse sujeito negro? Luiz Henrique Silva de Oliveira (2014) procurou em seus estudos responder essa questão.

O referido autor desenvolveu sua pesquisa por meio de um recorte temporal, ou seja, ele pesquisou romances brasileiros do século XX mais especificamente dos anos 1928 até 1984. Uma das suas primeiras observações está no fato de que, pelo menos nesse período, “majoritariamente foram os autores brancos que cumpriram a função de escrever, ‘de fora para dentro’, os afrodescendentes” (OLIVEIRA, 2014, p. 15). Para o autor, esse processo tinha um fim bem específico, um processo que solidificasse uma escrita, um fazer literário-social que fosse “até a consolidação de um sistema literário que os representasse ‘de dentro para fora’” (OLIVEIRA, 2014, p. 15). O autor não está dizendo que no período que cobre a sua pesquisa não houveram livros escritos por afrodescendentes. O que o autor está afirmando é que, devido a questões como “dificuldade de escritores negros acessarem o mercado editorial, seja por causa do pernicioso processo de exclusão dos meios operado após a abolição” (OLIVEIRA, 2014, p. 15), os negros, com sua literatura, não conseguiram desenvolver uma tradição literária que os representassem de acordo com a sua própria visão. Imperou a visão do Branco sobre eles. No entanto, essa realidade, como tudo na vida social, se liquefez.

A partir da década de 30, com a afirmação da composição racial brasileira, a representação do negro é alterada na literatura (GOVÊIA, 2005, p.83). Todavia, o negro aparece em obras, em que está totalmente ligado a práticas religiosas primitivas e pagãs, como a feitiçaria, como no livro “O país das Formigas” escrito por Menotti Del Pichia, e, em, “O Saci”, do autor Monteiro Lobato, este, também, na obra “Reinações de Narizinho” qualifica o negro como possuidor de uma inferioridade estética, associada diretamente a uma incapacidade cognitiva. Textos como estes citados procuram identificar o leitor com uma cultura e biotipo branco, desmerecendo a cultura e biotipo negro, embranquecendo o leitor (GOUVÊIA; 2005, p. 89), totalmente diversificado quanto a raças e etnias. Na literatura brasileira a encontra-se um preconceito quanto à herança racial africana, embora a cultura da matriz africana tenha sido grande contribuidora na formação da sociedade brasileira, em sua reflexão histórica.

Os livros infantis, segundo a autora Fanny Abramovich (1989) desenham os personagens com o esteticamente belo imposto pela sociedade. Como o ético representado é branco, então se confunde na cabeça da criança o ético e o estético, noutros termos, o belo é o branco e o branco é o belo. A bruxa, o gigante e outros personagens não brancos são feios, grotescos e até mesmo “deformados”, causando repulsa instintiva. Enquanto a fada, a princesa, a mocinha seguem o modelo da raça ariana: loiras, olhos claros, corpo delicado, roupa imaculada. O príncipe alto, forte, elegante, barbeado, limpo, com aspecto de quem acabou de sair do banho, mesmo depois de ter cavalgado desertos inteiros atrás de suas princesas. O pai ou a mãe seguindo mais ou menos os padrões estéticos dos 30 anos, óculos, barba, algum indicativo daquilo que fazem da sua profissão, independentemente de como agem ou daquilo que são. “O negro é sempre o subalterno, o serviçal, a negra cozinheira, lavadeira, seu ótimo coração e colo amigo sempre disponível, sua apresentação física não tendo o estereótipo de mais atraente. Tratando-se do ladrão ou marginal, é o pobre, sujo, com roupas rasgadas, negro de preferência” (ABRAMOVICH, 2008, p.36).

Como resposta á essa incógnita de identidade do negro, a menina Lelê, do conto “O Cabelo de Lelê” da autora Valéria Belém (2012), entristecida com os cachinhos do seu cabelo, vivia se questionando quanto á sua identidade, então ela busca esclarecer o porquê dos seus cabelos

cacheados e descobre a sua origem africana e que o Brasil recebeu fortes influências africanas e se identifica com grande parte de pessoas afrodescendentes, orgulha-se de seus ancestrais e de suas histórias e culturas e logo se identifica e se alegra com seus cachinhos no cabelo. Existem, hoje, muitas obras infantis, em que personagens negros desenvolvem uma história que atrai e desperta os leitores sobre a diversidade cultural e processo de identificação. A lei 10639 inseriu a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, todavia, a promulgação da Lei 10.639/2003 não colocou um ponto final na questão racial, uma vez que não conseguiu convencer as mentes mais esclarecidas da sociedade brasileira de que os professores precisam ser preparados para atuarem na educação de base e, para isso, é necessária a reformulação dos programas de cursos de graduação (RODRIGUES; AQUINO, 2010, p.4), fazendo-se notório o encontro da identidade de cada um, num país tão diversificado.

2 METODOLOGIA

Neste artigo discute-se sobre a representação do negro na literatura infantil. Para fazê-lo, optamos por pesquisa bibliográfica com análise de texto. Inicialmente, conversamos sobre o Projeto Integrador do Curso de Psicologia da Facig, voltado para identidade e diversidade cultural, cuja temática estava muito próxima da temática do Projeto de Extensão, desenvolvido pela professora, só que em outra Instituição, UEMG-Carangola. Assim, em parceria com alunos da UEMG, desenvolvemos parte deste artigo. A parte referente às análises textuais ainda se encontram em fase de escrita.

3 A LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A literatura, desde muito cedo, é introduzida na vida de uma criança, a leitura contribui para a formação do imaginário e para o desenvolvimento da criança. Com a proximidade dos livros destinados a eles com uma apresentação, isto é, vocabulário e ilustração, voltados para o interesse e despertamento cognitivo do leitor, a criança faz uma “viagem” e, para que essa viagem seja prazerosa, ela precisa se encontrar. Para isso, segundo Nelly Novaes Coelho (2000), esse envolvimento deve acontecer da mesma forma que, em geral, ocorre no processo de evolução dos estágios, considerados normais sendo; Primeira Infância (dos 15/17 meses aos 3 anos), Segunda Infância (a partir dos 2/3 anos), Leitor Iniciante (a partir dos 6/7 anos), Leitor em Processo (a partir dos 8/9 anos) Leitor Fluente (a partir dos 10/11 anos), o Leitor Crítico (a partir dos 12/13 anos). Assim, cada fase se define por um domínio da leitura, sendo, a última, capaz de possuir um comando e compreensibilidade aguçada. Nesse caso, os textos devem se adequar a essas fases. Contudo, alguns possuem um desenvolvimento psico-aguçado. “Assim a inclusão do leitor em determinada ‘categoria’ depende não só de sua faixa etária, mas, principalmente da inter-relação existente entre sua faixa etária e sua idade cronológica, nível de amadurecimento psíquico-afetivo-intelectual” (COELHO, 2000, p.28). Cada leitura vai se destinando a certo grupo, atendendo os seus anseios e interações.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA NA LITERATURA E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA SOCIAL

Geralmente, ao se iniciar uma leitura, sendo ela conto, fábula ou mesmo estória, voltadas para o infantil, o leitor tende a se identificar com algum personagem, geralmente irão escolher os mais bonitos, os mais corajosos, os mais honestos e bondosos, esses vão despertar dentro de leitor um engajamento do contexto. Essa identificação cria uma identidade representativa. Muitas vezes, o texto pode conter racismo, pode conter uma mensagem que não se enquadra na nossa cultura e nem mesmo retrata a nossa sociedade nem o estilo de vida destas crianças leitoras. O Brasil, como sabemos, é marcado por uma grande mistura de raças, etnias e crenças, e os contos tradicionais trazem consigo uma cultura muito distante.

A representação da identidade, na literatura infantil, é de grande importância para a formação da personalidade da criança, para o seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, dessa forma, ela absorve, através das representações literárias, a cultura, da forma que lhe é imposta, e, já através das gravuras, textos curtos ou mais complexos, dependendo da faixa etária e capacidade cognitiva. Bruno Bettelheim (2007), diante da sua experiência como terapeuta infantil, afirma o seguinte;

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM; 2002, p.5)

Este texto nos leva a entender, segundo o autor, que orienta e realiza terapias voltadas para as crises existenciais na infância, a crermos que, quando uma criança negra ouve ou lê um conto infantil e não se vê, ou se vê representada por subalternos, nunca como protagonista, ela se sente menosprezada, e, conseqüentemente, insegura de si mesma e ao seu futuro, já que seu passado a remete à escravidão, exploração, humilhação e uma predestinação ao fracasso. Veem tanto estereótipos europeus, definindo os personagens bons (bonitos) dos maus (feios) como se o padrão estético vigente imposto tivesse relação direta com quem é bom ou mau. Fanny Abramovick (1989) cita:

Como dizia o Marquês de Sade: “A ética é uma questão de geografia “e a estética talvez seja uma questão de História “saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não se limitar com estereótipos, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão, onde não haja falsas e tolas correspondências, mas descobertas de toda sedução encoberta da beleza e sabedoria a serem reveladas de padrões que não são os dos chamados países desenvolvidos. Afinal, vivemos na América Latina e pertencemos ao Terceiro Mundo. (ABRAMOVICH; 2008, p.41)

Existe, segundo Calheiros (2001), uma necessidade de libertação da comunidade afro-brasileira dessa identidade a que foram restringidos, uma identidade baseada em estereótipos nada condizentes com a origem africana, sendo uma “cidadania lúdica”. Em oposição, houve um grande empenho do Movimento Negro para que, em 1997, fosse criado na política pública da Educação do Brasil, dez volumes (distribuídos pelo Ministério da Educação) com temas relacionados à Pluralidade Cultural, já que, na literatura brasileira, há um ocultamento do negro e de sua contribuidora influência na cultura, sendo ela a cultura matriz do Brasil. Entretanto, vê-se na literatura, quanto à formação do povo brasileiro, inúmeras menções e ênfases na cultura ocidental. O negro, no entanto, é tratado como um simples enviado à função de escravo, “fica o afro-brasileiro, como coletividade, sublinaramente excluído das esferas políticas, econômicas tecnológicas, científicas, enfim, da cidadania produtiva e do protagonismo social” (CALHEIROS, 2001, p.123). A omissão da cultura Africana, no contexto da formação da nossa nação, constitui num desrespeito aos afro-brasileiros.

Na construção da identidade, parafraseando Calheiros, para que haja uma construção dessa identidade não basta somente a afirmação da diversidade e o respeito aos valores alheios, é necessário construir uma compreensão efetiva, da pluralidade cultural e dismantelar a preconceito racial, que maltrata a formação psicoemocional e identitária do leitor negro. Assim para Calheiros:

No caso do Brasil isso significa desvelar as significações racistas da linguagem e dos conteúdo didáticos, bem como nomear as atitudes agressivas contidas em piadinhas, apelidos e incidentes aparentemente sem importância”. O impacto desses fatos sobre a formação de uma personalidade infantil pode ser devastador. Somente a intervenção do educador seria capaz de neutralizar a carga de sentimentos pejorativos investidos na psique da criança. O tradicional silêncio apenas a confirma, ao passo que reforça não só a posição relacional agressiva da criança branca mas também o conteúdo pejorativo, com toda a carga de significações históricas (seu nome é nome de escravo) (CALHEIROS, 2001, p.124).

3.2 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE LEITURA E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NEGRA

As crianças, no seu início de alfabetização, veem-se como iguais às outras, quando são introduzidas no meio escolar, isto é, bem na fase da inocência. Neste período lhe é introduzido um modelo a seguir que não condiz com seu biotipo, muito menos com seu meio, neste momento, devido a sua pureza, ela se identifica logo com os personagens mais atraentes e passa a tentar encaixar sua identidade e estética dentro desses padrões o que não ocorre, não “cola”. Há, nesse momento, uma frustração que leva a criança negra, que não possui cabelos dourados, nem mesmo uma pele branca como a neve, a se esquivar, e, este esquivamento, é literal. Ela se marginaliza, sai do centro e procura o canto ou fundos da sala ou do meio em que está inserida, ela começa a entender que não pertencente a este rol. Soma-se a isso a exclusão social e, é possível que a criança não consiga concluir o ensino fundamental e médio. Poder-se-ia objetar dizendo que tal fase é passageira, de fato é, mas o processo de identificação não ocorre.

Quando a criança, agora adolescente e adulta, consegue entender que não é igual aos demais, encontra como espelho sua descendência escrava, bem nos livros didáticos. Dir-se-ia que o mundo se apresenta como uma ciranda de pedra, da qual ela não consegue fazer parte. Um grande avanço para dirimir tal diferença foi a implantação da Lei 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que torna obrigatório o ensino da História da África e da cultura africana no sistema oficial de ensino. Neste ano de 2017 a lei não é mais obrigatória, mas continua na ordem do dia. Com grandes conquistas os movimentos de apoio à cultura negra, numa grande lentidão, tem-se publicado livros onde os heróis e mocinhas, voltadas para os leitores infantis, são negros satisfeitos com suas identidades africanas, reconhecem seus valores e heroísmos e também sua beleza. Com essa identificação, recém-descoberta, muitos jovens na nossa sociedade já estão assumindo sua identidade negra, na sua forma de vestir, de usar os cabelos com os chamados penteados afros. Essas leis devem despertar os professores e educadores, que antes se calavam, assumindo assim uma posição afirmativa ao preconceito assim:

A ausência de atitude por parte dos professores (as) sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores/as. Por outro lado, para a criança que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A convivência por parte dos profissionais da educação banaliza a discriminação racial (CALHEIROS, 2001,p.146).

Faz-se necessário uma intervenção pedagógica de imediato, já que os negros representam, segundo o IBGE, 51% da população brasileira o que significa um avanço, parafraseando Calheiros. O jovem tinha, na busca por um lugar de êxito, no espaço acadêmico ou na vida profissional, que se adequar a uma identidade embranquecida, imposta à condição de qualquer profissional respeitado. Obras como Luana, do autor Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino; O Menino Marrom, de Ziraldo Alves Pinto; Histórias da Preta, de Heloísa Pires Lima; Contos Africanos para as Crianças, de Rogério Andrade Barboza; Os reizinhas do Congo, de Edimilson Pereira; Rainha Quiximbie Dudu Kalunga, de Joel Rufino dos Santos; As tranças de Bintou de Sylviane Diouf; Bruna e a galinha d'angola, de Gercilga de Almeida; Do outro lado tem segredos, de Ana Maria Machado; Ilê Ifê, de Carlos Petroviche Vando Machado, reformulam o papel social do negro na literatura infantil, podendo ser trabalhadas desde a educação infantil.

3.3. A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA POR ELA MESMA

Obra como o Cabelo de Lelê, da autora Valéria Belém, é um exemplo que se aplica a grande parte das crianças negras, que foram educadas segundo o estereótipo dos contos de fada. O livro conta a história de uma menina que não se achava bonita, pois suas características físicas não se encontravam nas suas histórias favoritas. Então, a menina Lelê, questiona-se e muito curiosa sai a pesquisar sobre o seu perfil. As descobertas são incríveis para ela, e ela descobre que este país racista que quer nos intitular brancos, não passa de uma cultura e sociedade formada a partir da cultura africana e que o país deve muito à essa raiz, onde se originaram muitas raças. Lelê passa a gostar dos seus cachinhos e se orgulhar de sua beleza, passa também a se identificar com várias outras pessoas que também possuem mesmos traços e belezas.

No dia a dia não é diferente, a criança, quando perguntada, sobre qual a menina ou menino mais bonito da sala, logo diz os brancos, loiros dos olhos claros, assim, quando perguntado a uma criança negra, ela também dirá que esta representação é a ideal de beleza para ela, isto é, a criança sofre uma alienação por desconhecer a beleza negra e sua cultura e seus méritos. Segundo o psicanalista Bruno Bettelheim “hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil à criação de uma criança é ajuda-la a encontrar significado na vida.” (BETTELHEIM, 2002, p.11). Na verdade, essa busca pelo significado, mostra os processos psicológicos que ocorrem no cérebro da

criança, ao se deparar com os contos de fadas e o quão necessárias são essas histórias para o seu desenvolvimento psicológico e social. Os contos de fadas, considerados por muitos pais e educadores como irreais, falsos e recheados de crueldade são, para as crianças, algo que lhes fala, em linguagem acessível, sobre um mundo que tem significado. Depois que a psicanálise desmitificou a “inocência” e a “simplicidade” do mundo da criança, os contos de fadas voltaram a ser lidos (e discutidos), justamente por descreverem um mundo pleno de experiências, de amor, mas também de destruição, de selvageria e de ambivalências.

Ao apresentar obras voltadas para seu universo e identidade, a criança desenvolve uma afirmação à sua raça o que lhe traz uma segurança e autoconfiança.

Desse modo, reconhece-se que, através da literatura infantil, é possível desenvolver duas perspectivas, no que tange o papel das personagens negras; a construção dos estereótipos e a desconstrução do valor de inferioridade atribuída ao negro nas obras. Tornando claro que, do mesmo modo que há obras que ressaltam mais os aspectos negativos do negro, visando-os em condições subalternas, há outras, em contrapartida, que ressaltam, a importância, a beleza e a riqueza dessa etnia. Como elucidação dessa afirmativa, traçamos uma breve análise do livro “O cabelo de Lelê”, cuja história foi apresentada acima. O livro possui 32 páginas, onde a autora Valéria Belém narra a história da personagem e o que chama atenção, além da linguagem verbal, simples e bem elaborada, são as ilustrações presentes no mesmo, como por exemplo, a ilustração da personagem Lelê, que chama atenção pelo fato de ser negra e possuir o cabelo afro, algo que não costuma ser visto em contos e livros infantis, em que praticamente todas as personagens possuem o tom de pele branca, olhos claros e cabelos lisos. Percebe-se que a autora teve a preocupação de estimar os aspectos culturais e etnologia afrodescendente.

Desse modo, concluímos a análise, evidenciando que a criança que lê este livro, ou qualquer outro que vise essa nova forma de enxergar e representar o negro na literatura, sem preconceitos, entenderá que leituras produtivas e personagens interessantes podem ser representadas por todas as etnias, sem distinção. Portanto, a criança constatará que não há nada de errado com o seu tom de pele, seu cabelo e sua origem, que são esses os aspectos que as tornam quem são.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo dizendo que a literatura é uma arte representativa. Vimos que durante muitos séculos ela se ocupou da representação de grupos dominantes e veiculou ideologias da matriz colonizadora. No que se refere à literatura infantil, infanto-juvenil, as representações eram, também, europeias. Nesse caso, uma criança em fase inicial da construção de sua identidade acabava se identificando com um “não eu”. Essa identificação errada, posto que o que se via era o que se não era, acabava fazendo com que a criança se sentisse invisível. Essa condição, incorporada à sua identidade, faria e fez com que toda a sua existência fosse ameaçada com o estigma da diferença rejeitada. Apesar dessa contribuição negativa, vimos que é também a partir das produções literárias que essa mesma diferença pode ser representada de forma meritória e vir a contribuir para que a criança negra se veja como é e valorizada nesse veículo de representação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, P.R.Souares; AQUINO, M. Albuquerque. **A invisibilidade da pessoa negra na literatura Infantil**: Impossibilidade de Afirmação da identidade afrodescendente na Escola. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1,n.1, pp.1-8, 2010.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22.ed Paz e terra, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. 2.ed. São Paulo: IBEP, 2012.

PERES, Fabiana Costa. MARINHEIRO, Edwylson de Lima. Moura, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista eletrônica pró-docência**. n. 1, v. 1, jan-jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope> . Acesso em 04 set. 2015.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e modernidade**: formas das sombras. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

SUSSEKIND, Flora. **O negro como Arlequim, teatro e discriminação**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

DUARTE, Paulo. **O negro no Brasil**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Negros%20do%20Brasil%20-%20Paulo%20Duarte.pdf>. Acesso em: 07 out. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **Negrismo**: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928 – 1984). Belo Horizonte. Mazza Edições, 2014.